

Cidade tinha fama de tratar mal escravos

Pajens, mucamas, cozinheiras e doceiras povoavam as antigas fazendas campineiras quando elas se transformaram em ricas sedes de engenho de açúcar entre os séculos 18 e 19. Os outros serviçais, todos escravos, se distribuíam entre os canaviais, a fábrica de açúcar, a casa de purgar, o forno, as caldeiras e o alambique. Durante mais de um século a população negra foi mais numerosa que a branca. Os senhores de engenho campineiros tinham fama de tratar mal sua mão-de-obra. Quando um escravo de Itu, Jundiaí ou mesmo do Rio de Janeiro se rebelava ou tentava fugir, era comum ameaçá-lo com um “cuidado, hein, que eu vendo você para Campinas”.

Havia exceções, contudo. O historiador Celso Maria de Mello Pupo relaciona bem uma dezena de senhores de

engenho ou cafeicultores que se tornavam compadres de seus cativos batizando-lhes os filhos. O barão de Monte Mor foi mais longe: legou sítios e imóveis a seus escravos por disposição testamentária. Com a abolição do tráfico de escravos em 1850, a idéia de se utilizar mão-de-obra branca e remunerada difundiu-se rapidamente. Naturalmente, tinha de ser estrangeira, pois não era costume os filhos e agregados dos grandes fazendeiros trabalharem. O Visconde de Indaiatuba foi o primeiro a adotar a medida em 1852, organizando uma colônia de alemães e tirolezes. Outros o imitaram nos anos seguintes, com maior ou menor sucesso. Esses estrangeiros seriam responsáveis, pouco depois, pelo nascimento e florescimento da indústria local. (E.G.)